

Ministério do Turismo e Observatório de Favelas apresentam:





ORGANIZAÇÃO:

Anna Luisa Oliveira
Gilson Plano

AUTORES:

Anna Luisa Oliveira
Ana Vitória Lopes
Brune Ribeiro
Ivani Figueiredo
Napê Rocha
Stéphane Marçal
Wesley Ribeiro

REVISÃO:

Isabela Souza

Rio de Janeiro, 2022



1ª Edição

Ficha Técnica E-book

2022_Observatório de Favelas

Distribuição Gratuita

A reprodução do todo ou parte deste documento é permitida somente para fins não lucrativos e com a autorização prévia e formal do Observatório de Favelas, desde que citada a fonte.

Identidade Visual: Jefferson Sanchez e Marcella Pizzolato

Projeto Gráfico e Diagramação: Sharmaine Caixeta

Autores: Anna Luisa Oliveira, Ana Vitória Lopes, Brune Ribeiro, Ivani Figueiredo, Napê Rocha, Stéphane Marçal, Wesley Ribeiro

Organização: Anna Luisa Oliveira, Gilson Plano

Revisão: Isabela Souza

Ficha Catalográfica

Vou fazer arte - Reencantando as Ruas / Organização: Anna Luisa Oliveira, Gilson Plano.

Autores: Anna Luisa Oliveira, Ana Vitória Lopes, Brune Ribeiro, Ivani Figueiredo, Napê Rocha, Stéphane Marçal, Wesley Ribeiro. /

Revisão: Isabela Souza

Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2022

82p. ; il. (color) ;

Prefixo Editorial - 701.15

Número ISBN: 978-65-87016-14-6

Título: Vou Fazer Arte - Reencantando as Ruas

Tipo de Suporte: E-book

Formato E-book: PDF

Todos os direitos desta edição reservados ao Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

Rua Teixeira Ribeiro, 535

Parque Maré - Maré

Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-251

www.observatoriodefavelas.org.br

contato@observatoriodefavelas.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vou fazer arte [livro eletrônico] : reencantando as ruas / organização Anna Luisa Santos, Gilson Plano. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Observatório de Favelas, 2022.
PDF.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-87016-14-6

1. Aprendizagem - Metodologia 2. Artes
3. Criatividade (Literária, artística, etc)
4. Educação 5. Favelas - Aspectos sociais - Brasil
6. Periferias urbanas 7. Projeto Vou fazer Arte - Rio de Janeiro I. Santos, Anna Luisa. II. Plano, Gilson.

22-136534

CDD-701.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Criatividade : Artes 701.15

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

1. Apresentação	5
2. Reencantando as Ruas	6
3. Encontros	9
4. Imersões Artísticas	30
5. Fruições	41
6. Ateliê de Criação	45
7. Montagem	47
8. Exposição	49
9. Ações Educativas	55
10. Considerações e Inspirações	69
11. Referências	71
12. Ficha Técnica	75
13. Contatos	78

.01

O projeto **Vou Fazer Arte** chegou à sua terceira edição em 2022, se consolidando como parte da agenda anual do Galpão Bela Maré, com a proposta de ser a primeira formação no campo das artes visuais para adolescentes moradores/as/es do Conjunto de Favelas da Maré e adjacências.

O projeto foi apresentado pelo Ministério do Turismo e Observatório de Favelas; tem patrocínio de IBM, Instituto Cultural Vale, Itaú Unibanco, Cyrela, Colgate, MR Mineração e Smart Fit, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura; apoio Institucional do Itaú Cultural e Instituto JCA; parceria da Produtora Automatica; e é realizado pelo Observatório de Favelas e pela Secretaria Especial de Cultura, Ministério do Turismo, Governo Federal.

O Vou Fazer Arte tem como objetivo principal aproximar jovens e adolescentes periféricos das artes visuais contemporâneas por meio da produção de obras, sendo este um recurso possível para atuação futura no mercado de trabalho, bem como um espaço de reflexões acerca dos territórios, a cidade e tudo que ela nos oferece, incluindo a busca pelo direito à vida através do acesso à arte e a cultura.

A primeira edição do projeto aconteceu entre 2016 e 2017 e teve como tema central a cultura digital, que

resultou em uma exposição no espaço do Galpão Bela Maré com obras como fotografia digital, vídeo e videoarte. A segunda formação aconteceu em 2019 e contou com o tema “Fazer arte não é só fazer arte”, apresentando uma reunião de obras de arte com diversas técnicas e suportes que provocaram as pessoas visitantes a pensar acerca da produção artística na Maré. Em 2022, em sua terceira edição, propusemos uma investigação teórica e prática a respeito da arte urbana por meio do tema **“Reencantando as ruas”**, que resultou em uma série de cinco intervenções urbanas pelas ruas da Maré.

Apresentamos neste e-book as ferramentas teóricas e metodológicas utilizadas durante a execução do projeto, bem como os caminhos conceituais e desafios enfrentados. O intuito é gerar uma rede de multiplicação e trocas de métodos entre pessoas educadoras visando um modelo de ação coletiva e mutável tendo como base as práticas participativas e construções coletivas.

O programa pedagógico apresenta uma série de estratégias possíveis para a educação no campo da arte, notadamente direcionada para adolescentes de periferias e suas diversidades.



Acesse o QR Code para assistir o vídeo síntese ou clique aqui.

encantando as ruas
encantando as ruas
encantando as ruas
encantando as ruas
encantando as ruas
encantando as ruas

.02

Em 2022, após a fase crítica da pandemia causada pela COVID-19, iniciamos um movimento de retorno à ocupação das ruas, das escolas, dos espaços culturais e de outros lugares de convivência coletiva. O projeto Vou Fazer Arte, partindo do entendimento de que esse movimento para as populações periféricas tem configurações muito singulares, propôs enquanto escopo conceitual a investigação da memória coletiva por meio das estéticas urbanas, na busca do entendimento da coletividade presente nas expressões visuais por meio de suas características culturais e históricas. Para tanto, apresentamos a edição Reencantando as Ruas do projeto, que parte de referenciais filosóficos contemporâneos que se debruçam sobre os saberes africanos e afrobrasileiros, que notadamente são tecnologias empregadas para vivências periféricas na busca pelo bem viver, criando mundos com um olhar sensível para o seu entorno.



O encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ser sentido de mudança política e ser perspectiva de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, não é objeto de estudo, é o que desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido. É esse encantamento que nos qualifica no mundo, trazendo beleza no pensar/fazer[...] (MACHADO, 2014 p. 59)

Tendo o encantamento como caminho principal, trouxemos reflexões acerca da literatura, da corporeidade, das memórias, das imagens em movimento e do tempo, em que a experiência no espaço comum – a rua – é protagonista. A partir de Eduardo Oliveira (2003), que afirma que a filosofia do encantamento parte da certeza de que as nossas matérias sofrem as influências dos territórios culturais, e essencialmente somos o que vemos e fazemos, a partir da inconformidade do mundo dado, apresentamos o reencantamento como um movimento de retomada, de recriação, por meio do olhar encantado nas artes visuais, e das intervenções urbanas nas ruas que fazem parte dos trajetos cotidianos da turma, tendo o entendimento de que a práxis do encantamento depende, para além da existência, das condições para que a mesma possa se expressar.



Mas a existência não é tudo! A existência também depende das condições para que ela possa se expressar. Essa forma de expressão só pode ser entendida a partir das formas culturais, que muito embora não exista como ente, existe como possibilidade do ente. Uma possibilidade de condição da criação do ente e de sua existência e que se comporte como forma cultural é o encantamento. (OLIVEIRA, 2003, p.05 grifo do autor)

A partir do contexto em que vivem, as pessoas manifestam as presenças de ancestralidade diante dos usos e costumes coletivos, fortalecendo suas identidades por meio das trocas. As intervenções de arte urbanas lançam para a sociedade a recriação de mundos, a partir da prática encantatória do uso do suporte coletivo como mediador de mensagens que causam sentimentos e sensações diversas a partir de uma poética que deixa de ser individual e passa a ser coletiva, com o compromisso de ser uma atitude diante do mundo:



O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já dado. O olhar encantado re-cria o mundo. É uma matriz de diversidade dos mundos. Ele não inventa uma ficção. Ele constrói mundos. É que cada olhar constrói seu mundo. Mas isso não é aleatório. Isso não se dá do nada. Dá-se no interior da forma cultural. O encantamento é uma atitude diante do mundo. É uma das formas culturais, e talvez as mais importantes, dos descendentes de africanos e indígenas. (OLIVEIRA, 2003, p.05)

Portanto, **Reencantar as Ruas** parte do compromisso coletivo da busca pelo direito à vida a partir do exercício de cidadania para adolescentes no campo das artes visuais, apresentando métodos diagnóstico-participativos de formação com uma estrutura pedagógica que parte da compreensão de que cada participante é um/a/e artista visual em formação, e que possuem poéticas e processos próprios, e que em grupo tomam forma e sentido coletivo, perpassando as nuances do fazer artístico desde a concepção até a mediação com os públicos.

A partir da exposição, a partir do processo artístico, da ideia de reencantamento, do curso em si, eu pude ter esse olhar mais crítico em relação ao que é vendido, o que é exposto e o que a gente tem para dizer em relação à arte,



o que a gente realmente quer para a gente e para os nossos. Eu me sinto muito respeitada enquanto artista, honestamente, por mais que as pessoas falem tanto sobre eu ser só uma adolescente. O galpão por eu já ter transitado aqui, um lugar seguro de troca de afetos, de conhecer outras trajetórias de artistas também, mas eu nunca tinha pensado em ser artista antes. (Fernanda Luiza Viana Ferreira, participante do projeto Vou Fazer Arte, 2022)

A culminância desse processo foi uma exposição com cinco obras de intervenções urbanas coletivas, que em suas poéticas apresentaram objetivamente o **Reencantamento das Ruas** através do olhar, do tempo, dos sorrisos e das cores presentes nos caminhos percorridos e que por vezes podem passar despercebidos. A sustentação teórica desse processo é parte importante do projeto político-pedagógico do Galpão Bela Maré, que tem em sua missão o compromisso de acesso à arte e a cultura por meio do trabalho comunitário, e que tem em seu cerne os saberes e fazeres ancestrais presentes no Conjunto de Favelas da Maré e suas adjacências, e que são adubos para a existência do agora e da posteridade, performando um tempo conjunto, com as ruas e suas práticas encantatórias presentes.

.03

O planejamento educativo compreendeu em um ciclo de sete encontros teóricos e práticos, quatro vivências com pessoas artistas convidadas, três fruições em instituições culturais na cidade do Rio de Janeiro, sete encontros destinados à criação das obras de arte e um dia para a montagem da exposição, além do período em que a mesma esteve disponível aos públicos nas ruas da Maré com visitas mediadas. Culminando em vinte e dois encontros com cento e vinte uma horas de formação, o projeto se configura enquanto uma residência artística destinada ao público adolescente.

Para receber essa turma, preparamos uma chegada com a presença de Raphael Vicente, nomeado Embaixador desta edição, jovem egresso do primeiro grupo do Vou Fazer Arte, mareense e criador de conteúdo digital, para compartilhar sua experiência na formação. A investigação a respeito da arte urbana foi feita por meio do tema “Reencantando as ruas” e tomamos como referência autores/as da filosofia contemporânea que se debruça sobre os saberes africanos e afrobrasileiros e apresentam o conceito de encantamento como a possibilidade de criar mundos por meio de um olhar sensível para o seu entorno.

No intuito de avançar para além de noções já consolidadas a respeito das estéticas urbanas, o planejamento educativo para o Vou Fazer Arte 2022 propôs reflexões acerca da literatura, da corporeidade, das memórias, das imagens em movimento e do tempo, em que a experiência no espaço comum – a rua – é protagonista. Ao longo dos meses de formação foram oferecidas ferramentas conceituais e práticas para que as/os/es jovens e adolescentes realizassem uma exposição culminante da formação, e que, para além dessa prática, desenvolvessem uma percepção estética e crítica em relação aos fazeres artísticos e sobre seus próprios lugares nos contextos em que vivem.

Apresentamos aqui relatos da execução do planejamento pedagógico do projeto, que compreende a metodologia participativa focada na investigação da memória do conjunto de favelas da Maré por meio das ruas, tendo como principal caminho as histórias de vida das pessoas participantes e suas famílias, notadamente famílias de região periférica e em sua maioria negras. A proposta estratégica abrange a distribuição de conteúdos teóricos e práticos, onde em cada encontro um tema chave foi trabalhado entre a turma. Apresentamos um conjunto de referências que formaram uma teia de conexões teóricas e práticas em que se debruçaram no processo de pesquisa para a construção do plano pedagógico, buscando alcançar o objetivo do projeto, onde a partir da leitura de mundo de jovens e adolescentes, propomos uma formação que visa a emancipação humana, tendo como caminho as artes visuais e a rua como protagonista.

Encontro 1 - Chegança



Duração: 08 horas

Iniciamos nosso dia de chegança conhecendo cada participante e apresentando a equipe do Galpão. A rodada de apresentação aconteceu a partir da dinâmica de apresentação do/a/e/ outro/a/e. O exercício consistiu em dividir a turma em duplas, onde cada pessoa se apresentou para sua dupla e após isso cada participante apresentou sua dupla para o coletivo. Após isso, a equipe do Galpão Bela Maré apresentou o projeto e o espaço, bem como a programação prevista para a edição.

No período da tarde tivemos uma roda de conversa com nosso embaixador Raphael Vicente que falou sobre sua participação no Vou Fazer Arte e os desdobramentos da participação do projeto em sua vida. Em seguida realizamos uma atividade de metodologia participativa elaborando as responsabilidades compartilhadas da turma. **A partir da pergunta**

"O que podemos combinar entre nosso grupo para que nosso projeto aconteça de modo participativo e tranquilo?"



Desenvolvemos uma relação de compromisso coletivo com nossas atividades e convivência entre o grupo que permanecerá visível ao longo dos encontros.

Logo após apresentamos como proposta de metodologia pedagógica a construção de mapas coletivos tendo como base o conceito cartográfico de biomapas, utilizando-o como recurso de investigação da memória enviesado à proposta base do projeto - reencantamento das ruas. O exercício consistiu numa pesquisa acerca da memória individual e coletiva do grupo, perpassando pelas ruas em que vivem e seu entorno. **A partir da provocação "O que sua rua fala sobre você?"**

Fizemos uma rodada de diálogo seguida da **segunda provocação "O que na tua rua te encanta?"** A turma fez o desenho do mapa do Conjunto de Favelas da Maré em papel metro com a ajuda da projeção, e identificou suas ruas e sinalizando-as a partir de uma palavra, frase ou desenho.

Ao final, observamos como o mapa se construiu e quais as semelhanças e diferenças no encantamento de cada participante, disparando **a questão chave para o próximo encontro: O que na sua rua precisa ser reencantado?**

MATERIAIS UTILIZADOS



**Cadernos
Brochura
Capa Dura
Canetas
Lápis**

**Borrachas
Computador
Projetor**

**Caixa De Som
Fita Adesiva
Crepe Larga
Papel Metro
Hidrocor/
Pilotos
Coloridos
Água**



Créditos: Nyl de Sousa



Encontro 2 - Reencantamento das Ruas: Investigação da Memória

 Duração: 03 horas

Neste encontro começamos o dia ouvindo a turma, fazendo o exercício de compartilhamento de reflexões a partir do encontro de chegada e respondendo a pergunta **“O que na tua rua precisa ser reencantado?”**.

Neste sentido, o caminho de investigação se propôs a trabalhar o processo de reencantamento presente nas ruas por meio do exercício prático e teórico em artes visuais. A partir das trocas realizadas durante o debate, entramos no segundo momento apresentando a poética panfletária de Paulo Nazareth provocando a turma a pensar no conceito de reencantamento tendo como disparadora a questão

“Aqui é Arte” conversamos sobre a caminhada como gesto de criação. O objetivo foi estimular um olhar inventivo para a paisagem cotidiana através da observação de cenas, atitudes, gestos ou imagens corriqueiras e a criação poética a partir dessas seleções. Procuramos instigar a turma a trabalhar o olhar, a encontrar novas formas de ver as coisas ao redor de si, incorporar poética no que vê e criar narrativas para isso. Na sequência, perguntamos para o grupo o que poderia ser arte no percurso que fazem até o Bela e finalizamos o nosso encontro propondo o exercício de registro em fotografia de um local/momento/objeto artístico reencantado no percurso para casa, e que deveria ser enviada ao grupo de whatsapp.

**“O que pode
ser arte dentro
do percurso
percorrido de tua
casa até o Bela**



Provocadas pelo projeto “Notícias de América” (Paulo Nazareth, 2011, 2012) e da série de gravuras

MATERIAIS UTILIZADOS



Computador

Projeter

Caixa de som.



Créditos: Nyl de Sousa

Abaixo algumas imagens resultados do exercício:



Créditos: Fernanda Luiza Viana

Créditos: Carlos Eduardo Melquiades Lachini



Abaixo algumas imagens resultados do exercício:



Créditos: Erick Rodrigues de Albuquerque
Créditos: Willian Luiz da Silva



Abaixo algumas imagens resultados do exercício:



Créditos: Willian Luiz da Silva

Créditos: Anna Victória dos Santos de Oliveira



Abaixo algumas imagens resultados do exercício:



Créditos: Ana Beatriz Conceição da Silva

C. Encontro 3 - Reencantamento das Ruas:

Arte Urbana e Intervenções Urbanas:
Onde elas estão em nosso entorno?



Duração: 08 horas

Continuamos o exercício de criação a partir da série “Aqui é Arte”, de Paulo Nazareth. No primeiro momento conversamos com o grupo sobre as imagens feitas em seus percursos e compartilhadas. Com a pergunta disparadora **“Por que isso pode ser arte?”**, provocamos a turma a contextualizar suas escolhas e intenções.

Conversamos sobre a importância de refletir sobre as nossas predileções, e que fotografando algo, estamos escolhendo não fotografar tantas outras coisas. Ou seja, estamos fazendo uma seleção a partir do nosso olhar.

Após a conversa sobre as referências e os seus percursos individuais, cada pessoa criou seu próprio panfleto com imagens registradas e textos produzidos. Durante o processo de criação, dialogamos e percorremos assuntos acerca das artes visuais, urbanas, e contemporâneas, bem como, modos de representação, construção de imagens e (des)construção de estereótipos, operação do racismo entre outras experiências cotidianas periféricas. Encerramos finalizando os panfletos e os preparando para serem entregues no encontro seguinte.

MATERIAIS UTILIZADOS



Papel jornal A4
canetas
Computadores
impressora
cola
tesouras



Créditos: Romulo Amorim

ARTE MAL COMPREENDIDA

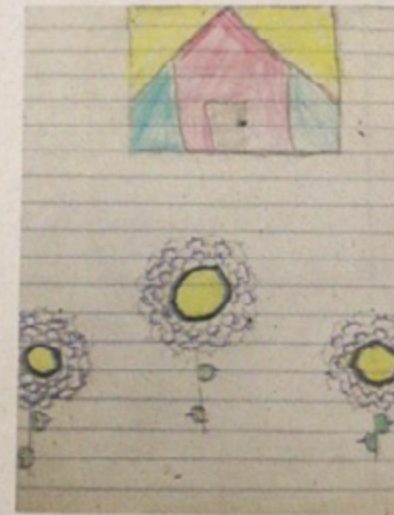


Jules, pense na Jules.
Uma arte mal compreendida se tornou na
Jules!
Uma nova arte.

Beatriz



VEM! A ARTE ESTÁ EM VOCÊ.
VEM! A ARTE ESTÁ EM VOCÊ.
VEM! A ARTE ESTÁ EM VOCÊ.
VEM! A ARTE ESTÁ EM VOCÊ.
VEM! A ARTE ESTÁ EM VOCÊ.



KARINE ROSA



D. Encontro 4 - Bela Maré:

Arte contemporânea a partir de nossa trajetória



Duração: 08 horas

Conversamos sobre o que é arte contemporânea a partir das experiências de ações do Galpão Bela Maré e sua confluência com o seu entorno. No primeiro momento apresentamos as exposições e artistas que passaram pelo nosso espaço, bem como os temas e estratégias utilizadas em cada trabalho. A partir disso, debatemos sobre o conceito de arte contemporânea tendo como caminho a questão disparadora **“Como podemos classificar os trabalhos que circularam no Bela Maré como arte contemporânea?”**. Com isso, impulsionamos a turma a refletir sobre as possibilidades de intervenções de arte contemporânea pelas ruas da Maré, tendo como provocação a pergunta **“Onde a arte contemporânea está presente nas ruas do Rio de Janeiro?”**. Por fim, a partir das respostas, dialogamos sobre **“Como podemos inserir arte contemporânea nas ruas da Maré?”**.

Como proposição prática iniciamos o dia com exercícios corporais que direcionavam maior integração entre o grupo. Com música e dança a dinâmica tinha como objetivo impulsionar o trabalho em equipe trabalhando a interação e cuidado entre colegas. Após as reflexões e debates a turma saiu em uma ação performática pela favela Nova Holanda, na Maré, onde distribuíram e colaram lambes dos panfletos produzidos no encontro anterior.

MATERIAIS UTILIZADOS



Computador

Projektor

Caixa de som



Créditos: Romulo Amorim

E. Encontro 5 - Literatura e a rua



Duração: 03 horas

Este encontro abordou a literatura a partir de suas dimensões de corporeidade, memória e ocupação do espaço urbano por meio do Slam. Após o aquecimento, realizamos uma roda de conversa, a partir da noção de escrevivência proposta pela escritora Conceição Evaristo (2017), que nos ofereceu a possibilidade de entender a escrita em seus aspectos pessoais, políticos e coletivos. Os conceitos foram sendo localizados pela turma a partir do debate sobre o neologismo na construção das palavras. No momento seguinte, assistimos algumas batalhas de Slam e conversamos sobre o tema das poesias e as questões sociais que fizeram com que as pessoas poetas escrevissem aquelas palavras. As pautas que mais se destacaram foram: raça, território, presença e gênero.

A ideia de oralitura, proposta por Leda Maria Martins (2021), apresenta o corpo como local de escrita de narrativas e memórias, e a prática criativa do Slam propicia um espaço de compartilhamento dessas escrevivências por meio da oralidade e da mobilização do corpo no espaço público. Nessa proposta, a poesia falada surgiu como uma espécie de síntese de ambas as noções, em seu caráter de enunciação pública de escritas pessoais e de potências políticas. Logo em seguida, a turma foi provocada a escrever a partir das suas próprias experiências e memórias, atravessadas pelo reencantamento das ruas da Maré, e pensar nas possibilidades de compartilhamento no espaço urbano. Ao fim da atividade de escrita, exercitamos o movimento corajoso de leitura em voz alta dos próprios poemas.

MATERIAIS UTILIZADOS



Cadernos
papéis
canetas
Lápis
Lápis de cor



Créditos: Romulo Amorim

F. Encontro 6 - A temporalidade e a rua

Em oposição à noção eurocêntrica de tempo linear que se orienta ao futuro em direção ao progresso por meio de um ideal civilizatório, de dominação branca, Leda Maria Martins (2021) propõe a ideia de um tempo espiralar a partir das cosmo percepções africanas. Essa experiência de tempo admite um tipo de reversibilidade que, assim como a filosofia do Sankofa dos povos de Gana, possibilita um retorno ao passado para a elaboração do presente e de projetos coletivos de futuro sem o desejo de superação. O tempo espiralar é vivo, dinâmico e pode ser manuseado como matéria de criação.

A partir dessas reflexões provocamos a turma a pensar: **Como era e como está a sua rua?**; **Você, sua família ou as pessoas que você conhece têm memórias dessas transformações?**; **Existem registros dessas mudanças?**; **Nesses lugares existem monumentos que expressam memórias coletivas?**

O exercício proposto foi o de inventariar as memórias familiares e os vestígios dessas transformações que compõem o antes, o agora e o depois em uma única percepção temporal.

 Duração: 03 horas

MATERIAIS UTILIZADOS



Computador

Projektor



Créditos: Romulo Amorim

H. Encontro 7 - Concepção e Curadoria de Exposições

 Duração: 08 horas

A partir da exposição Misturas e do jogo Misturas: jogo-exposição fizemos uma conversa sobre curadorias, seus métodos e procedimentos e sobre expografia para as artes visuais. A turma foi estimulada a pensar como planejar e organizar a exposição final do projeto, bem como os materiais necessários para a criação dos trabalhos. O exercício proposto foi o de criação de projetos iniciais (esboços) para os trabalhos que expressem o tema, ideias, formas, materialidades, técnicas, dimensões e demais informações necessárias para a compreensão dos trabalhos que desejam ser realizados.

Neste encontro fizemos o trabalho prático de concepção da exposição do projeto, bem como a organização curatorial e escolha de locais das intervenções. Debates sobre as noções de escala e de conservação de obras ao ar livre, as possibilidades de realização das obras, quantidade e os suportes que seriam utilizados.

MATERIAIS UTILIZADOS



Computador
projektor
Jogo "Misturas:
jogo-exposição"
Papéis
Lápis de cor
Lápis
Borracha



Créditos: Romulo Amorim

.04

A. Na faixa com André Vargas

Neste encontro dialogamos com o artista-educador André Vargas e sua pesquisa. A proposta da atividade consistia em conhecer as diferentes referências de ocupação artística da rua que se valem do uso da palavra. Com isso, fomentamos uma discussão sobre os usos do corpo, da cor, das dimensões e das temáticas para a produção de novas ocupações no território da Maré a partir da prática de cada participante do projeto.

André Vargas apresentou sua pesquisa e a relação com a confecção de faixas, tecendo narrativas de ressignificação de espaços e salvaguarda de memórias, trazendo para a turma o questionamento **“Qual seria o seu mundo encantado?”**. Diante das respostas, iniciamos uma proposição prática de produção de faixas com o grupo investigando seus atravessamentos e interesses nas composições do reencantamento. Após a confecção das faixas a turma realizou a apresentação de seus trabalhos, exercitando a leitura das obras com a perspectiva do olhar curatorial.



Duração: 08 horas

MATERIAIS UTILIZADOS



Tecido de algodão cru
Tecido Oxford de cores variadas
Tinta PVA cores variadas
Tesouras
Pincéis



Créditos: Romulo Amorim

B. O cinema e a rua com Bhega da Silva

Conversamos com Bhega da Silva, criador do projeto Cineminha do Beco, que com sua tuc-tuc vai projetando filmes e transformando as ruas do Conjunto de Favelas da Maré em um cinema a céu aberto. No primeiro momento Bhega falou sobre a sua história de vida e como se deu a ideia da construção do Cineminha. O artista nos contou que deu início ao projeto, que objetiva desenvolver consciência ambiental entre moradoras/es da Maré, ao passo que recolhe óleo de cozinha para reciclagem e com os recursos mantém as sessões de cinema para as crianças.

Juntas/es/os assistimos a uma sessão de documentário sobre a vida do Bhega e o desenvolvimento do seu projeto, bem como os lugares por onde o mesmo já passou. Após o filme realizamos uma roda de conversa, refletindo sobre o tema “Reencantando as Ruas” e sua relação com ações como a do Bhega pelas ruas da Maré. Provocamos a turma com os questionamentos **“Como podemos reencantar as ruas?”** e **“É possível fazer isso através do cinema?”**.

 Duração: 03 horas

MATERIAIS UTILIZADOS



Computador
Projektor
Caixa de som



Créditos: Romulo Amorim

C. Permuta com Diambe da Silva

 Duração: 08 horas

Tendo como ponto de partida a poética de Diambe da Silva e seu diálogo com meio urbano, realizamos um dia de imersão, dialogando com a poética do reencantamento das ruas do Conjunto de Favelas da Maré, unindo o recurso da investigação da memória feita até aqui ao processo artístico da artista convidada.

A partir da escultura em sentido amplo, as composições e monumentos que encontramos em nossos deslocamentos, memórias e atitudes, a vivência aconteceu em torno da noção de esculturas vividas e esculturas afetivas de cada pessoa. Cada participante levou pequenas esculturas de suas casas e essas foram utilizadas para criar uma composição em pequena escala, relacionando as esculturas entre si, entendendo aproximações e distanciamentos entre os objetos e a composição total do conjunto.

A partir do lugar afetivo de cada pessoa, narrativas de memórias coletivas foram criadas com um percurso expográfico. No segundo momento a turma desenvolveu suas próprias esculturas vivas, com raízes da feira da Teixeira, oriundas de sociedades africanas, indígenas e diaspóricas, como o aipim, batata-doce, entre outras.

Com as perguntas disparadoras **“De onde vêm os alimentos que comemos?”**, **“Quanto tempo**

eles duram?”, **“De onde vem as esculturas que conhecemos?”** e **“Quanto tempo elas duram?”** a turma criou composições, arranjos e agrupamentos a partir das relações entre comida e escultura. As obras criadas ficaram acondicionadas por um período de sete dias para a observação da sua transformação natural e ao longo desses dias refletimos e acompanhamos as noções de tempo, que trabalhamos nos encontros teóricos, e seus efeitos nas esculturas naturais.

MATERIAIS UTILIZADOS



Escultura que a turma trouxe de casa
Cobjeto de valor emocional, religioso, memorial, familiar, afetivo, material)
Inhames, Cúrcumas, Gengibres
Açafrão e Batatas Doces.
Pregos de tamanho grande
Martelos



Créditos: Romulo Amorim



Créditos: Romulo Amorim

D. Composição, enquadramento e Olhar com Rômulo Amorim

Nesse encontro imersivo, contamos com a participação de Rômulo Amorim para uma vivência sobre fotografia popular e de rua. O artista partiu das questões **“O que é uma foto?”** **“Qual é a diferença da fotografia de rua (documental) para os outros tipos de fotografia?”** e **“Qual poder uma fotografia possui?”** para criar uma narrativa que abarcasse os avanços e a inserção da fotografia nas classes populares. No primeiro momento foi proposto para a turma pensar sobre a criação da imagem com foco em composição, enquadramento e olhar. Como suporte teórico e prático, foram apresentados trabalhos fotográficos de Rudson Amorim (2018), Vitória Caio (2019) e Júlia Alves (2018, 2019).

No segundo momento, propusemos uma prática de exercitar o olhar: convidamos a turma para uma caminhada na Rua da Teixeira Ribeiro, principal pólo comercial da Maré, onde ocorre há mais de trinta anos (RIBEIRO, 2014), a Feira Livre da Teixeira, com a venda de frutas, legumes, verduras, temperos, roupas, aparelhos eletrônicos etc. Ao longo do trajeto, utilizando câmeras fotográficas, a turma observou as movimentações da feira e fotografou o que chamou a sua atenção.

Dividimos a turma em dois grupos, com uso de câmera fotográfica profissional e semi profissional, bem como câmeras de celulares.

 Duração: 08 horas

Houve consensos sobre quais cenas seriam registradas pelas lentes das câmeras e uma pessoa do grupo ficava responsável pelo clique. Enquanto caminhávamos pela feira, notamos que a presença da turma foi percebida por trabalhadoras/es e pedestres, o que gerou muita interação, sendo, na maioria das vezes, solicitações de pessoas pedindo para serem fotografadas.

No caminho de retorno para o Galpão, ouvimos uma pessoa falando alto **“Tira uma foto minha! Tira uma foto minha!”**, procuramos o dono da voz entre as barracas e as pessoas e encontramos um senhor, o Luiz Henrique Izaias, que já estava de braços abertos e sorrindo, fazendo uma pose para ser registrada. Essa foi a fotografia escolhida pela turma para ser uma das obras da exposição.

O processo curatorial das fotos para a exposição ocorreu no último momento da oficina, com toda turma reunida. Dentre as imagens, além da obra fotográfica com o Luiz Henrique Izaias de braços abertos, que ganhou o título de **“O Bom e o Melhor para mim”**, outras oito fotos compuseram a obra **“NÓS”** que se tornaram posters espalhados pela Rua Teixeira Ribeiro.

MATERIAIS UTILIZADOS



**Câmeras
fotográficas**
**Cartões de
memória**



Créditos: Ana V.
Créditos: Brenda Cristina





Crédito: Mariana Santana



Créditos: Ana Karine Oliveira



Créditos: Ana V.

.05

As fruições foram visitas que realizamos em diferentes espaços museológicos de diferentes territórios, propondo o exercício de conceber e perceber questões disparadoras geradas através da mediação, tendo como ponto de partida a poética do reencantamento das ruas. A turma partiu da perspectiva de como a rua estava presente nas exposições visitadas, bem como o enviesamento entre o tema do projeto e a arte contemporânea. Durante a execução do projeto realizamos três fruições, nos respectivos espaços: Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB), Museu de Arte Moderna (MAM) e Galpão Bela Maré.

A. Museu da História e Cultura Afro-Brasileira - MUHCAB

A turma participou de uma visita mediada no Museu da História e Cultura Afro-Brasileira. Durante a experiência contamos com uma ação educativa e andança pelo percurso expográfico da Exposição de longa duração “Protagonismos – memória, orgulho e identidade” e Da Exposição temporária “Essa minha letra: Lima Barreto e os Modernismos Negros”.

Um percurso sobre memória, orgulho e identidade que durante a mediação trouxe elementos para a história negra brasileira diante da valorização ancestral e salvaguarda das tecnologias africanas e afro diaspóricas. A partir de obras de artistas contemporâneas/es/os questões como territorialidade, raça, gênero e classe foram debatidas. Também foi apresentado à turma vinte e um trechos da obra de Lima Barreto junto aos trabalhos de 21 pessoas artistas contemporâneas. Durante a mediação, algumas obras ganharam destaque, e foram marcantes para a turma do Vou Fazer Arte, inspirando suas produções, bem como as conversas que entrelaçaram a experiência social do grupo.



Créditos: Romulo Amorim

B. Museu de Arte Moderna (MAM)

Neste encontro a turma realizou uma visita mediada no Museu de Arte Moderna (MAM). Essa experiência proporcionou reflexões sobre a composição de espaços museais, onde analisamos a arquitetura do espaço, a montagem da exposição e os elementos urbanos do entorno do museu. A equipe educativa, apresentou e mediou para a turma as trajetórias e as produções artísticas das exposições “Composições para tempos insurgentes” e “Terra em tempos: fotografias do Brasil”.

Após o percurso, a mediação provocou um debate acerca dos atravessamentos que compõem a Arte Moderna, sendo representada enquanto o período artístico que abrangeu novas formas de se fazer arte, partindo da priorização da liberdade estética e a retratação de temas do cotidiano. A partir disso, a turma refletiu os próprios processos criativos e memórias, a fim de dar continuidade ao exercício do olhar buscando o reencantamento das ruas no Conjunto de Favelas da Maré.



Créditos: Romulo Amorim

C. Exposição Misturas Galpão Bela Maré

Para essa fruição a turma realizou uma visita na exposição MISTURAS no dia de sua abertura no Galpão Bela Maré, a mediação foi feita pelo curador da mostra, Jean Carlos Azuos, que apresentou reflexões sobre o trabalho da curadoria, montagem e expografia. A partir do diálogo, analisamos a arquitetura do espaço e a organização desses ambientes, refletindo sobre as relações que são construídas com os públicos do território.

A visita contou também com a participação da equipe educativa do Galpão, que acompanhou a turma ao longo do projeto. Após o percurso, conversamos sobre a relevância das propostas artísticas que partem de vivências periféricas, perspectivas racializadas e inclusão de múltiplas corporeidades.



Créditos: Stéphane Marçal



.06

O ateliê de criação é o tempo/espaço de criação e prática coletiva, em que as/es/os jovens participantes desenvolveram as obras que formaram a exposição. Além disso, o ateliê mobilizou reflexões acerca das práticas do campo museológico, técnicas de conservação e expografia, além das materialidades possíveis no campo da arte contemporânea. Durante o projeto foram realizados sete encontros voltados para a prática de ateliê onde foram criadas cinco obras de intervenções urbanas.

MATERIAIS UTILIZADOS



Argila, garrafas pet, folhas, galhos, tecido de algodão cru e Oxford, tintas PVA, papel offset, cola, impressão digital em lona plástica e chassi de madeira.



Créditos: Romulo Amorim

.07

O processo de montagem da exposição aconteceu em dois dias, e contou com o apoio técnico de duas pessoas especializadas na área, além da própria equipe do Galpão Bela Maré. O manuseio e transporte das obras de arte para os locais escolhidos de intervenções aconteceu com a turma sob o suporte da equipe técnica. A turma participou da montagem, desde a colagem do texto curatorial e ficha técnica, utilizando a técnica de lambe-lambe, até a instalação de intervenções, posicionamento de etiquetas e últimos ajustes.



A gente sai pra rua, a gente tira fotos, aí agora a gente vai botar as coisas na rua, diferentes, a gente vai reencantar as ruas né?! A gente tá botando uma coisa a mais na rua, de diferente, que não tinha antes e agora vai ter. (Jean Costa da Conceição, participante do projeto Vou Fazer Arte, 2022)

Esse foi um importante momento de aprendizagem técnica da turma, que para além da criação de obras de arte e exercício de curadoria também executaram o processo de concepção expográfica se materializando na montagem. Foi durante a montagem que a turma pôde experienciar os desafios técnicos sobre a prática da materialização de uma exposição, sobretudo em ambiente urbano. O posicionamento das obras, o processo de instalação bem como a articulação para apreciação, foi um processo que envolveu toda a turma na busca por soluções de situações problemas, bem como no sentido organizacional de distribuição de atividades e exercício prático.



Créditos: Romulo Amorim



OBRA 1: Um lugar que chamamos de casa

A partir da imersão artística com o artista André Vargas e da investigação acerca do uso da palavra em faixas, essa obra foi pensada com a intenção de traduzir os questionamentos que surgiram ao longo da formação.

A frase “Favela é arte”, inscrita a partir da técnica de pintura sobre tecido, surgiu diante de um processo de reflexão coletiva das inquietações que representavam a ideia de Reencantamento das Ruas e diante de discussões sobre os usos do corpo, da cor, das dimensões e das temáticas para a produção de novas ocupações. Além da produção da faixa, as/os artistas também propuseram esta obra enquanto ocupação artística na Passarela 10 da Avenida Brasil, possibilitando a visualização da mensagem por todos os transeuntes.



Créditos: Ramom Vellasco

OBRA 2: A memória na retina

Com base nas reflexões feitas acerca das memórias que atravessam as nossas trajetórias e as produções artísticas individuais de cada artista, investigamos o interesse no desenho do olhar e na intenção da turma em desenvolver uma instalação a partir dessa imagem. Com o uso do isopor, da argila, de tintas e galhos advindos das ruas em que os próprios artistas moram, esta instalação foi pensada para habitar o espaço da Praça do Valão, uma região muito ocupada por crianças e jovens da favela da Nova Holanda. Em conjunto, estes materiais formavam um grande olho que girava em torno de si mesmo suspenso no ar.



Créditos: Breno Chagas

reimventar - repercutindo - reencantando - reverberando

OBRA 3: Reencantando o Tempo

Essa é uma obra em homenagem ao Tempo. Construída a partir dos encontros de formação envolvendo o tema da temporalidade, "Reencantando o Tempo" foi pensada ao longo do processo formativo e surgiu como uma proposta instalativa para atender aos desejos de dar corpo aos desenhos que sempre apareciam sobre árvores e raízes, quando pensamos naquilo que poderia reencantar o espaço das ruas das favelas. Como uma espécie de biomapa, é uma escultura desenvolvida a partir das materialidades da argila, da reciclagem de garrafas pet e galhos e folhas de árvores encontradas no chão dos caminhos que faziam, com a intenção de traçar trajetórias outros inscritos na folhagem do seu topo acerca do devir.



Créditos: Romulo Amorim

OBRA 4: NÓS

A obra "Nós" foi construída a partir da imersão de fotografia com Rômulo Amorim, na qual os artistas caminharam pela rua Teixeira Ribeiro fazendo registros fotográficos de pessoas, momentos e objetos que acreditavam ser marcantes para o território. Dividida em oito posters, a obra foi instalada em pontos distintos da rua, permitindo que fosse descoberta nos postes ao longo do caminho. "Nós" é uma obra que trata sobre o processo de auto identificação e valorização de elementos e corporalidades constituintes de cada história.



Créditos: Ramon Vellasco

reimventar - repercutindo - reencantando - reverberando

OBRA 5: O bom e o melhor pra mim

A técnica do lambe apresentada nos primeiros encontros da formação foi o dispositivo disparador para o desenvolvimento desta obra. Conscientes do desejo de ocupar artisticamente o espaço do muro da Lona Cultural, a turma do Vou Fazer Arte 2022 se engajou num processo curatorial do material culminante da imersão de fotografia com Rômulo Amorim e escolheu o retrato de Luiz Henrique Izais, um homem negro sorridente e de braços abertos, na feira da Rua Teixeira Ribeiro, uma das principais vias de acesso à favela da Nova Holanda. Com a escolha deste retrato, a curadoria reforça o seu compromisso com a construção de imagens reencantadas sobre as ruas e os moradores dos territórios mareenses, cientes da importância dessas novas narrativas para os seus percursos.

Abertura

O evento de abertura da exposição "Reencantando as Ruas" foi marcado principalmente pela presença das famílias das/os jovens, que foram recebidas pela turma e pela equipe do Galpão neste dia tão importante. Foi um dia de festa, música e conversas: a programação contou com falas de abertura e apresentação do projeto, partilhadas entre equipe e participantes, exibição de vídeos que contavam por fotos os quatro meses de formação e duas visitas medidas, que realizaram o circuito completo de (re)conhecimento das obras expostas na Maré.



Créditos: Ramon Vellasco

reimantar - repercutindo - reencantando - reverberando

ações educativas ações educativas ações educativas ações educativas ações educativas

.09

Ao longo do projeto Vou Fazer Arte, o Programa Educativo em confluência com o Curatorial do Galpão Bela Maré desenvolveu e executou dezoito ações, que circularam entre seus eixos de atuação, evidenciando a educação por meio das artes visuais contemporâneas a partir da mediação e acessibilidade, incentivo à leitura, formações, e sobretudo mobilizações e articulações territoriais. Neste período, realizamos sessões do nosso cineclube, o CineBela, visitas mediadas, espaços de leitura com indicações e contações acessíveis, formações e articulações com nossos públicos, sobretudo os públicos mereenses.

Ao todo realizamos seis visitas mediadas, dois CineBela, um Bela em Movimento, três Ações Poéticas, uma Roda de Conversa, três Leituras Indica, uma Leitura Contação e um AMARÉCARNAVAL, resultando em dezoito ações. As atividades são relatadas detalhadamente abaixo.

A. Visitas Mediadas 04 a 14 de junho de 2022

As visitas mediadas da exposição Reencantando as ruas aconteceram no dia da abertura da exposição, e às terças-feiras às 13:30h, até o dia do encerramento da mostra. Ao todo, foram realizadas seis visitas mediadas, com um público total de noventa pessoas, onde a partir da perspectiva curatorial, a equipe do educativo propôs uma aproximação com as obras por meio de um percurso de trocas de narrativas pelas ruas da Maré. O percurso começava no Galpão Bela Maré, com o texto curatorial e a obra reencantando o tempo, passando pela Av. Brasil na passarela 10 a obra Um lugar que chamamos de casa, logo depois a mediação prosseguia em direção a Rua Teixeira Ribeiro com a obra NÓS, seguindo para o Muro da Lona Cultural da Maré com a obra O bom e o melhor para mim, e a obra A memória na retina na Praça do Valão. Finalizando o percurso de mediação a turma retornava ao Galpão Bela Maré, onde aconteciam as considerações finais acerca do projeto e seus desdobramentos.

Além das visitas mediadas, as obras da exposição tiveram um caráter de fruição coletiva e dinâmica que impactaram diretamente e indiretamente moradores e transeuntes do entorno de onde elas

estavam inseridas, o que caracteriza as obras de intervenções urbanas como dinâmicas, mutáveis e interativas. Ao longo do período expositivo foram incontáveis as pessoas que passaram pelos trabalhos e tiveram impactos a partir de diferentes esferas, compreendendo as subjetividades.

Além disso o processo de interação com as obras revelava a presença do público para além da mediação, como foi o caso de A memória na retina, que a partir da fruição interativa, que não era esperada, a obra sofreu diversas intervenções que modificou a sua apresentação visual até o fim da exposição, quando havia apenas vestígios de sua presença, como a placa de sinalização. A partir disso a turma experienciou a efemeridade das obras a partir da intervenção humana e do tempo, bem como o entendimento da materialidade escolhida a partir da própria interação com a obra e o espaço.

Partimos do entendimento de todos esses atravessamentos como mediação, sobretudo em espaços públicos, o que somou para pessoas moradoras tanto quanto para as pessoas artistas em formação, e sobretudo para a equipe técnica de educação do Galpão Bela Maré.



Dias: 04 a 14 de junho de 2022
Classificação etária: L



Créditos: Romulo Amorim

B. CineBela

Sessão Café com Canela

Na sessão de abril, assistimos ao filme “Café com Canela” (2017), dirigido por Ary Rosa e Glenda Nicácio. Essa programação ocorreu presencialmente, aberta ao público no Galpão Bela Maré. A partir da percepção do território refletimos junto aos participantes da ação sobre a construção cinematográfica e a afetividade negra. Após a sessão, realizamos um momento para dialogar sobre o filme com Guilherme Silva, ator que participou do longa, debatendo sobre a importância da construção coletiva, visando ampliar os territórios de afetos e resgate de memórias.

Sinopse do filme:

Recôncavo da Bahia. Margarida vive em São Félix, isolada pela dor da perda do filho. Violeta segue a vida em Cachoeira, entre adversidades do dia a dia e traumas do passado. Quando Violeta reencontra Margarida inicia-se um processo de transformação, marcado por visitas, faxinas e cafés com canela, capazes de despertar novos amigos e antigos amores.



08 de abril de 2022 | 16h
Classificação etária: 12



Créditos: Romulo Amorim

B. CineBela

Sessão Tito e os pássaros

Na sessão de maio, em parceria com o CineSesc, assistimos ao filme "Tito e os pássaros" (2018), de André Catoto / Gabriel Bitar / Gustavo Steinberg. Essa programação ocorreu presencialmente, aberta ao público no Galpão Bela Maré. A partir da poética de "Reencantando as ruas", refletimos junto aos participantes da ação sobre as características da animação, as vivências dos personagens e a busca pela cura do mundo. Após a sessão, realizamos um momento para dialogar sobre o filme, debatendo sobre o poder do fazer individual enquanto proposta de melhoria coletiva, pensando em futuras confluências e intervenções artísticas no espaço urbano.

Sinopse do filme:

Tito é um menino tímido de 10 anos que vive com sua mãe. De repente, uma estranha epidemia começa a se espalhar, fazendo com que pessoas fiquem doentes quando se assustam. Tito rapidamente descobre que a cura está relacionada à pesquisa feita por seu pai ausente sobre o canto dos pássaros. Ele embarca numa jornada com seus amigos para salvar o mundo da epidemia. A busca de Tito pelo antídoto se torna uma jornada para encontrar seu pai ausente e sua própria identidade.



27 de maio de 2022 | 16h

Classificação etária: **L**



Créditos: Romulo Amorim

C. Bela em Movimento

O Bela em Movimento é uma atividade do Programa Educativo do Galpão Bela Maré em interlocução com outros espaços da arte, da educação e do território, como estratégia de difusão e partilha. Em abril, realizamos a ação “Misturas: Jogo-Exposição”. O objetivo da atividade é propor que a turma jogue o nosso jogo, que tem como objetivo desenvolver a capacidade dos participantes de co-criar uma exposição artística no Galpão Bela Maré, conhecendo as obras e as mais diversas técnicas artísticas existentes. A atividade aconteceu na Escola Olimpíadas 2016, em uma manhã onde reunimos 17 alunos/as/os que refletiram sobre os diversos suportes, técnicas e materialidades e possibilidades de exposição de arte contemporânea.



13 de abril de 2022 | 14h

Classificação etária: 13 14



Créditos: Romulo Amorim

D. Ações poéticas |

Um olhar-criança

A atividade teve como objetivo realizar exercícios de criação artística, poética e reflexiva com diferentes públicos, inspirados em temáticas e experiências estéticas. Inspirada pelo conceito de “poética da infância” de Renato Nogueira, a Ação Poética Um olhar-criança percorreu a infância como um modo de perceber o mundo e como a capacidade de colorir a existência. A arte contemporânea não nos dá uma realidade pronta, e o que isso tem a ver com infância? Como a infância nos ensina a transver as formas e objetos cotidianos? Como olhar para as coisas do mundo como se fosse a primeira vez? Essas perguntas disparadoras deram forma a ação que resultou em diversas formas criadas com o papel e com as mãos que revelaram a subjetividade presente em cada pessoa participante. A ação foi realizada com uma turma de 24 adolescentes, que puderam retornar o olhar para suas infâncias e trocar acerca das suas percepções.



Créditos: Romulo Amorim



25 de março de 2022 | 14h

Classificação etária: 14 16

D. Ações poéticas

Bailinho do Bela

Acompanhando as práticas de percepção do território, inspirada na temática de “Reencantando as ruas” da turma do Vou Fazer Arte, esta atividade convidou o público a celebrar as artes e culturas das ruas. Em comemoração às memórias dos carnavais, nosso tradicional Bailinho do Bela ocorreu em Abril, mas com a mesma energia e alegria dos outros fevereiro. Nesta ação educativa propusemos dar cor, fantasia e um pouco de requinte à folia através das máscaras de carnaval, em seguida realizamos um Bailinho cheio de música e diversão.



01 de abril de 2022 | 16h

Classificação etária: 07 10



Créditos: Romulo Amorim

D. Ações poéticas

Ouvir trajetos, visualizar afetos

Nesta atividade tivemos como objetivo realizar exercícios de criação artística, poética e reflexiva com diferentes públicos, partindo da observação do cotidiano. Essa ação poética pretendeu estabelecer um diálogo entre os sons urbanos do entorno do Galpão Bela Maré e as memórias sonoras construídas a partir de nossos trajetos rotineiros pela cidade. Construímos um momento de escuta sensível e a transposição dessas sensações em imagem. Refletindo nos seguintes questionamentos: O que os sons da cidade tem a nos dizer? Que imagens podemos construir a partir dos sons?



08 de junho de 2022 | 16h

Classificação etária: 12 14



Créditos: Romulo Amorim

E. Roda de Conversa

Identities Indígenas y Territórios

A arte e a Educação são marcadas por atravessamentos contínuos, desde a manifestação de saberes ancestrais, ou a partir dos questionamentos acerca dos deslocamentos geográficos forçados. A luta decolonial se dispõe a apresentar a etnicidade de corpos indígenas em múltiplos contextos, seja na aldeia ou no urbano, povos originários resistem.

Ao pensarmos na construção de representações artísticas, observamos novas possibilidades acerca da ocupação destes territórios. Nesta atividade educativa propusemos relacionar a exposição da turma Vou Fazer Arte com a temática de "Reencantando as ruas" junto ao debate das múltiplas representações indígenas na atualidade, discutindo o papel da educação enquanto mobilizadora antirracista, visando um futuro com territórios de confluências.



06 de maio de 2022 | 15h

Classificação etária: **L**



Créditos: Romulo Amorim

F. Leitura Indica

O espaço de leitura Indica tem como objetivo apresentar autores/as, publicações e profissionais da literatura para discutir pautas relevantes e estimular a leitura através do convite ao uso do nosso espaço. A indicação acontece uma vez por mês, de forma online em nossas redes sociais, por meio de um vídeo, onde indicamos duas obras que se relacionam entre si, e convidamos os públicos a realizar a leitura presencialmente no Galpão Bela Maré.

18/03/2022 | ONLINE Gaiaku Luiza e a trajetória do Jeje-Mahi na Bahia & Maria Auxiliadora vida cotidiana, pintura e resistência

Indicamos duas produções que visibilizam a trajetória de duas importantes mulheres negras para o campo das artes visuais e das culturas afrobrasileira. O catálogo “Maria Auxiliadora vida cotidiana, pintura e resistência” (Adriano Pedrosa e Fernando Oliva - 2018) reúne obras da artista que estiveram em exposição no MASP-SP em 2018, com textos de crítica de arte que comenta e contextualiza sua trajetória e produção.” Gaiaku Luiza e a trajetória do Jeje-Mahi na Bahia” (Marcus Carvalho - 2006) é uma obra que percorre a história do candomblé no Recôncavo Baiano por meio da história de vida de Gaiaku Luiza, uma importante líder religiosa para o Brasil. Nesta ação, em paralelo com as reflexões propostas no projeto Vou Fazer Arte, refletimos acerca

das trajetórias de duas mulheres negras que tiveram suas histórias marcadas pela vivência nas culturas de matriz africana. A atividade foi registrada em vídeo e veiculada no Instagram do Galpão Bela Maré.

11/04/2022 | ONLINE Dona Ivone Lara - A primeira-dama do samba e o Meu Carnaval Brasil

No mês de abril, refletindo sobre o carnaval fora de época através das inquietações surgidas sobre temporalidade e presença nos encontros do Vou Fazer Arte, indicamos duas produções que visibilizam a importância do carnaval e da sua relação com a sociedade brasileira: “Meu Carnaval Brasil” e “Dona Ivone Lara - A primeira-dama do samba”. Nesta ação, propomos uma leitura entre duas obras que dialogam entre si no que diz respeito a valorização da cultura e da maior festa do povo brasileiro, desde a sua origem até a contemporaneidade. A atividade foi registrada em vídeo e veiculada no Instagram do Galpão Bela Maré.

09/05/2022 | ONLINE Salvador Negroamor e Cada dia meu pensamento é diferente

Em maio, esta atividade foi voltada para duas produções que utilizam a técnica da fotografia para provocar as suas reflexões: “Salvador Negroamor”,



18/03/2022 | ONLINE



11/04/2022 | ONLINE



09/05/2022 | ONLINE

de Sérgio Guerra, e “Cada dia meu pensamento é diferente”, ensaio colaborativo de fotografia produzido por adolescentes, integrantes do projeto Mão na Lata, iniciativa da Redes da Maré. Com base nos encontros do Vou Fazer Arte, que discutiam e estimulavam os questionamentos sobre o olhar, e conversando com a proposta da vigésima Semana de Museus, nos interessou visibilizar produções que destacam a relação da arte com a rua/cidade, através do tempo. Compreendendo a potência da arte tanto para a reconstrução de memórias quanto para a invenção de um devir possível, identificamos nestes projetos um desejo de intervenção nos espaços urbanos, na busca de incidir sobre o corpo e a memória polifônica, política, poética e pedagogicamente. A atividade foi registrada em vídeo e veiculada no Instagram do Galpão Bela Maré.

G. Leitura Contação

Leitura Contação - Iroco

A partir do tema da vigésima Semana de Museus e dos encontros sobre temporalidade e arte contemporânea do Vou Fazer Arte, o Espaço de Leitura realizou uma contação de histórias baseada no livro do nosso acervo “Iroco, o orixá da árvore e a árvore orixá”, de Cléo Martins e Roberval Marinho. Refletindo sobre a importância do devir, acreditamos que o livro “Iroco” nos deu a possibilidade de pensar a potência do presente para a concepção de um tempo em contínuo processo de construção, através de uma perspectiva afrodiaspórica. Os itans (narrativas afrodiaspóricas provenientes da cultura Yorubá) presentes no livro “Iroco” nos contam histórias ancestrais do culto a árvore sagrada da cultura dos povos yorubá/fon, que nos ensinam sobre o Tempo, na perspectiva de um fluxo ininterrupto e espiralar do ser/estar no mundo a partir de sua potência criativa. A atividade foi realizada de forma presencial no Galpão Bela Maré, e contou com tradução simultânea em Libras.



19 de maio de 2022 | 16h
Classificação etária: 12



Créditos: Romulo Amorim

H. AMARÉCARNAVAL

A ação foi uma colaboração entre a curadoria do Galpão Bela Maré e artistas fotógrafos/as/es mareenses, que generosamente compartilharam seus registros e olhares em torno do carnaval e suas manifestações no Conjunto de Favelas da Maré, em diferentes perspectivas, tempos e narrativas.

Para comemorarmos o carnaval trouxemos os registros de Marcia Farias, Rosilene Miliotti e Douglas Lopes, que capturaram cenas de eventos, blocos e celebrações nas ruas - destacando as belezas e encantos dessa festa - que nos envolve por entre os temperos de um festejo coletivo, seus sorrisos e as múltiplas cores que se sobrepõem às diversidades de corpos. A ação aconteceu na rede social Instagram, registrando, comemorando e celebrando a maior festa popular do país.



Acesse ao QR Code para visualizar a publicação ou [aqui](#).

ações e inspirações
considerações e inspi
ações e inspirações
considerações e inspi
ações e inspirações
considerações e inspi
ações e inspirações
considerações e inspi

.10

Nos primeiros meses de 2022, respeitando todos os protocolos de segurança, realizamos mais uma edição do “Vou Fazer Arte”. A retomada das atividades presenciais foram importantes não só para o Galpão, mas principalmente para os/as/es jovens moradores do Conjunto de Favelas da Maré e do seu entorno que viram toda a sociabilidade que ocorre nos espaços públicos migrar para o campo do digital e que, além disso, enfrentaram as particularidades de um isolamento social em um território de periferia.

As estratégias metodológicas utilizadas durante a execução do projeto nos fizeram estabelecer um espaço seguro entre o Galpão Bela Maré e as pessoas participantes do projeto, bem como suas famílias, escolas e vizinhanças. O envolvimento do grupo social de cada adolescente foi imprescindível para a possibilidade de materialização do reencantamento das ruas por meio das artes visuais. Por tudo isso, o olhar para as ruas, naquele momento, não seria o mesmo de antes. Era preciso re-criar, perceber detalhes antes despercebidos, enxergar potência, reencantá-las. E a melhor ferramenta para isso é a arte e suas múltiplas linguagens, estéticas e materialidades.

Tomando como inspiração os saberes ancestrais, africanos e afro-brasileiros, nesta edição do Vou Fazer Arte fizemos mais do que pensar a arte urbana, criamos um espaço de troca, escuta e descobertas. Construimos uma formação que foi além das referências teóricas. A partir das fruições, das vivências com artistas e das práticas nos ateliês de criação, apresentamos ao grupo de jovens participantes as experiências de pensar e perceber o ato de estar em “coletividade” mais uma vez, diante do desafio de exercer coletivamente olhares poéticos capazes de criar um novo mundo: formamos curadores, poetas e artistas de múltiplas visualidades e materialidades, que convidaram a Maré e suas vizinhanças a olharem, perceberem e a se re-encantarem também. Portanto, também formamos públicos.

Compartilhamos aqui as nossas experiências no intuito de multiplicá-las entre outras pessoas educadoras, bem como intercambiar processos de formação no campo da arte, seus desafios e suas potências. Esperamos que o Projeto Vou Fazer Arte seja inspiração para a criação de outros projetos, em outros territórios e alcance outros grupos adolescentes, sobretudo de jovens negras/es/os e de periferias.

11

AGUILAR, Ruth Kipper. Intervenção urbana: Uma análise enquanto prática. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: 2016.

ARANTES, Otília. Cultura e transformação urbana. In: PALLAMIN, Vera (org.). Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BARJA, Wagner. Intervenção/terinvenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano. In: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI), v.1 n.1, p.213-218, jul./dez. 2008.

CUNHA, Marcelo Bernardo Nascimento. Teatro de memória, palco de esquecimentos: Culturas africanas e das diásporas negras em exposições. Tese de doutoramento São Paulo: PUC, 2006. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/12944>>

DA SILVA, Cláudia Rose Ribeiro. Maré: A invenção de um bairro. Fundação Getúlio Vargas: 2006.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

____Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FESSLER, Lílian; JACQUES, Paola Berenstein. Reflexões sobre o uso da cultura nos processos de revitalização urbana. In: Anais do IX ANPUR. Rio de Janeiro, 2001.

FREITAS, Sicília Calado. Arte, cidade e espaço público: Perspectivas estéticas e sociais. I ENECULT, Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2005.

GONDAR, Jô. DODEBEI, Vera. O que é memória social? Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. Contra Capa Livraria: Rio de Janeiro, 2005.

HALLBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Traduzido do original francês La mémoire collective Paris: Presses Universitaires de France. Paris, France, 1968 2ªEd.

JEUDY, Henri-Pierre. Questões sociais dos novos patrimônios. In: Memórias do Social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo, Centauro: 2001.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. Páginas de Filosofia, v. 6, n. 2, p. 51-64, 2014. Disponível

em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/adilb%C3%AAnia_freire_machado_-_ancestralidade_e_encantamento_como_inspira%C3%A7%C3%B5es_formativas_-_filosofia_africana_e_pr%C3%A1xis_de_liberta%C3%A7%C3%A3o.pdf>

MARIJSSE, Simon. Um Mergulho na História: O Nascimento e Formação do Complexo da Maré. Tradução de Giovanna Giannini. Rio On Watch, Rio de Janeiro: 2017.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Gobogó, 2021.

_____. Afrografias da memória: O reinado do rosário no Jatobá. Editora Perspectiva: 2021.

MONTEIRO, Rafael de Araújo Rosa LAMIN-GUEDES, Valmir. Diagnóstico participativo: Uso da metodologia biomapa para o bairro do Gonzaga em Santos/ SP. Disponível em: <<https://www.revistaea.org/pf.php?idartigo=1938>>

MONTEIRO, Rodrigo dos Santos. Ações de resistência no Complexo da Maré: Produção de vida em um contexto marcado por necropolíticas. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2020.

OLIVEIRA, Eduardo Davi. "Filosofia do encantamento." Trans. Ano III 7 (2003). Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_filosofia_do_encantamento.pdf>

PAULA, Josi de. Slam: Literatura e resistência!. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/30/slam-literatura-e-resistencia>> Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.

PORTELINHA, Miguel de Almeida. Arte urbana: estratégias, contextos e técnicas. Creative University: 2013.

RAMOS, Gabriel Teixeira. Narrações de experiências urbanas por meio de Slams de poesia em São Paulo. XVII ENANPUR Desenvolvimento, crise e resistência: quais os caminhos do planejamento urbano e regional?. São Paulo: 2017. p. 1-14. Disponível em: <<https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1776>>

Redes de Desenvolvimento Da Maré, Observatório de Favelas (org.) Guia de Ruas da Maré. Rio de Janeiro: 2014.

RIBEIRO, Isabela Porto. O Lugar do Encontro: o Centro de Artes da Maré e a trajetória dos jovens na Nova Holanda. Dissertação. 125f. UERJ, RJ. 2014

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas: 2012. p. 7, 1, 15-30.

SILVA, Daniel Cavalcanti da Silva. A intervenção urbana como prática social: A apropriação do espaço urbano através da arte. IFAL: 2014.

SOUZA, Leticia Fontanella. Intervenção urbana na cidade pós-moderna: Rua Trajano Reis em Curitiba. [Monografia]. In: Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Arte da

TEIXEIRA, Jorge Luiz Barbosa. TEIXEIRA, Lino. Territorialidades de Práticas Culturais e Artísticas da Favela da Maré (RJ). Itaú Cultural, São Paulo.

VAZ, Lilian Fessler ANDRADE, Alexandre Rios Alves de. História dos Bairros da Maré: Espaço, tempo e vida cotidiana no Complexo da Maré. UFRJ e CNPQ. Rio de Janeiro: 1994.

Agrade Camíz: <https://www.instagram.com/agradecamiz/>

Alexandre Vogler: <http://www.alexandrevogler.com.br/>

Ana Lira: <https://projetoafro.com/artista/ana-lira/>

Castiel Vitorino Brasileiro: <https://castielvitorinobrasileiro.com/Trabalhos>

Eduardo Coimbra: <http://www.eduardocoimbra.com.br/>

Guga Ferraz: <https://www.arturfidalgo.com.br/guga-ferraz>

<https://ne-np.facebook.com/GalpaoBelaMare/videos/voc%C3%AAs-est%C3%A3o-sabendo-que-o-mamrio-e-o-galpaobelamare-instalaram-novamente-as-faix/370318114401084/>

Jaider Esbell: <https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>

Juliana Fervo: <https://www.instagram.com/julianafervo/>

Marcos Chaves: "AMARÉSIMPLES/AMARÉCOMPLEXO"
Paulo Nazareth: <http://artecontemporanealda.blogspot.com/>

Rede NAMI: <https://www.redenami.com/>

Ronald Duarte: Performances "O que rola você vê" e "Boiada de Ouro" <https://4parede.com/14-confrontos-performar-nas-urgencias-da-cidade/>

ca técnica técnica técnica técnica
ha técnica técnica técnica técnica
ca técnica técnica técnica técnica
ha técnica técnica técnica técnica
ca técnica técnica técnica técnica
ha técnica técnica técnica técnica

Galpão Bela Maré

Direção

Observatório de Favelas
Elionalva Sousa Silva
Isabela Souza
Raquel Willadino

Parceria

Automatica

Coordenação

Gilson Plano

Curadoria

Jean Carlos Azuos

Produção

Breno Chagas

Programa Educativo

Coordenação

Anna Luisa Oliveira

Educadoras

Stéphane Marçal
Ivani Figueiredo
Ana V
Wesley Ribeiro

Zeladoria e Limpeza

Márcia da Silva Pereira
Rogerio Guedes de Andrade

Comunicação

Coordenação de Comunicação

Priscila Rodrigues

Assessoria de Comunicação

Thaís Barros

Assessoria de Imprensa

Renata Oliveira

Comunicador

Romulo Amorim

Designer

Kaléu Menezes
Marcella Pizzolato

Gestão Administrativo-financeira

Sarah Horsth

Exposição

Artistas, Concepção e Curadoria

Ana Beatriz Conceição da Silva
Ana Karine Rosa de Oliveira
Anna Victória dos Santos de Oliveira
Brenda Cristina dos Santos
Carlos Eduardo Melquiades Lachini
Erick Rodrigues de Albuquerque
Fernanda Luiza Viana Ferreira
Gustavo Henrique dos Santos Silva
Ilana Garcia de Campos
Jean Costa da Conceição
Kauã Oliveira Sousa
Maria Clara Elias de Azevedo
Mariana Vitória Pratti de Santana
Willian Luiz da Silva

Programa Pedagógico

Anna Luisa Oliveira
Napê Rocha

Educadoras

Ana V
Brune Ribeiro
Ivani Figueiredo
Napê Rocha
Stéphane Marçal
Wesley Ribeiro

Artistas convidados/as Imersões

André Vargas
Bhega - Cineminha no Beco
Diambe da Silva
Raphael Vicente
Romulo Amorim

Apoio

Redes da Maré

Galpão Bela Maré

Rua Bitencourt Sampaio, 169. Maré
Rio de Janeiro / RJ. Brasil.
CEP: 21044-261
Tel. + 55 21 3105-1148

www.belamare.org.br

belamare@observatoriodefavelas.org.br

educativo.belamare@observatoriodefavelas.org.br



PATROCÍNIO:



CYRELA



APOIO INSTITUCIONAL:



PARCERIA:



REALIZAÇÃO:



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

